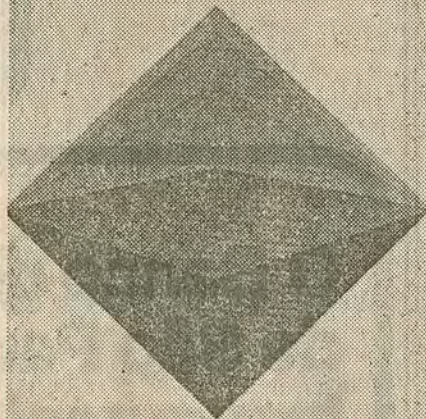


Etapas da Arte Contemporânea  
Ferreira Gullar



*“Etapas da Arte Contemporânea” é uma coletânea de artigos que Ferreira Gullar escreveu entre 1959 e 1960.*

## Pequena história crítica do modernismo

RIO  
AGÊNCIA ESTADO

“Etapas da Arte Contemporânea” é o título do mais recente livro de Ferreira Gullar, que será lançado hoje entre 18h30 e 20h30 com a presença do autor, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, no Parque Ibirapuera, por ocasião da inauguração da mostra “Neoconcretismo (1959-1961)”. Editado pela Nobel, reúne uma série de artigos do autor publicados entre 1959 e 1960, no extinto suplemento dominical do *Jornal do Brasil*.

Segundo Gullar, essa série de artigos constitui uma pequena história crítica da arte moderna no período compreendido entre os surgimento do cubismo (1907) e ano da deflagração do movimento neoconcreto no Rio de Janeiro, em 1959. “Seria mais propriamente uma revisão dos movimentos de vanguarda que teriam contribuído para a formação de uma nova visão plástica que veio desembocar na arte neoconcreta. E essa

revisão é feita a partir da perspectiva neoconcreta.”

O livro estuda, assim, o cubismo, o futurismo, o neoplasticismo, o raionismo, o suprematismo, o construtivismo russo, a Bauhaus, a arte concreta de Ulm e da Escola Superior da Forma, fundada por Max Bill, em Ulm, em 1951. Os artigos de Gullar desempenharam um papel pioneiro na divulgação de uma série de documentos ligados a essas escolas artísticas desconhecidas do público brasileiro, como também chamaram a atenção para a obra de alguns vanguardistas russos que tinham ficado à margem do interesse crítico. Artistas como Tatlin, Rodchenko ou Kisit realizaram obra pioneira, de quem os artistas neoconcretos, sem o saberem, tinham-se tornado continuadores.

“Esse estudo detalhado dos movimentos de vanguarda foi também um aprendizado para mim e a oportunidade de realizar uma reavaliação crítica do processo artístico. Foi em função dessa análise que coordenei

as observações que já fizera sobre esse processo e pude orientá-las para uma concepção crítica própria. E assim nasceu — juntando essas observações às experiências dos artistas neoconcretos — a teoria do não-objeto.” O texto dessa teoria — que foi editado originalmente em 1959, num opúsculo — é de difícil acesso para os artistas e o público. Ele está incluído no livro, bem como o texto do Manifesto Neoconcreto, lançado em março de 1959 e redigido por Gullar.

“Quando os militares invadiram minha casa, em 1965, um oficial do Exército descobriu a pasta onde esses artigos estavam reunidos, sob o título: “Do Cubismo à Arte Neoconcreta”. Ele entendeu de apreender o livro. Expliquei-lhe que se tratava de simples artigos sobre pintura. Mas, não, acho que ele pensou que cubismo se tratasse de algo relacionado à Cuba. Foi graças a Aracy Amaral, diretora do MAC, que a editora Nobel contratou um pesquisador para resgatar os artigos.